

*SOB UM OLHAR ESTRANGEIRO:
NUANCES DA TRAJETÓRIA
HISTÓRICA DAS MULHERES
AMAZÔNICAS A PARTIR DA
PERSPECTIVA DE ELIZABETH
AGASSIZ*

Thais Stephani de Oliveira Leal

Arcângelo da Silva Ferreira

SOB UM OLHAR ESTRANGEIRO: NUANCES DA TRAJETÓRIA HISTÓRICA
DAS MULHERES AMAZÔNICAS A PARTIR DA PERSPECTIVA DE
ELIZABETH AGASSIZ

Thais Stefhani de Oliveira Leal¹

Arcângelo da Silva Ferreira²

RESUMO: No decorrer do século XIX pequenas vilas e, posteriormente, a cidade de Manaus receberam a visita de inúmeros viajantes, que na sua maioria, se constituíam de cientistas ávidos pela fauna e flora locais. Uma dessas viagens trouxe o casal Louis e Elizabeth Agassiz, que durante a expedição Tayer percorreram do Rio de Janeiro ao Amazonas. Com o apoio do Imperador Dom Pedro II e ajuda de vários habitantes locais o casal passou cerca de um ano no Brasil. A região que recebeu mais atenção foi a Amazônia, nela, Elizabeth Agassiz descreve lugares, pessoas e animais a sua própria maneira. Para desenvolver esse trabalho, tivemos como fonte principal o livro do relato de viagem da autora, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica elaborada a partir de materiais disponíveis para a pesquisa, além do método indiciário utilizado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg, nele é possível interpretar a realidade utilizando indícios que permitam decifrá-la e compreendê-la. Concluímos que, nas representações elaboradas por Elizabeth Agassiz reside expressiva carga ideológica, marcada pelo etnocentrismo, evolucionismo e racismo, teorias em voga no século XIX, além de observar que as mulheres estiveram presentes na sociedade amazônica o problema seria a falta de representatividade relacionada a elas.

Palavras-Chave: Amazônia, Elizabeth Agassiz, Mulheres.

ABSTRACT: In the nineteenth century small villages and, later, the city of Manaus received the visit of numerous travelers, who mostly consisted of scientists eager for the local fauna and flora. One of these trips brought the couple Louis and Elizabeth Agassiz, who during the Tayer expedition traveled from Rio de Janeiro to the Amazon. With the support of Emperor Dom Pedro II and help from several locals, the couple spent about a year in Brazil. The region that received the most attention was the Amazon, in which Elizabeth Agassiz describes places, people and animals in her own way. To develop this work, we had as main source the book of the author's travel report, the methodology used was the bibliographical research elaborated from materials available for the research, in addition to the indiciary method used by the Italian historian Carlo Ginzburg, in it is possible to interpret the reality using evidence that allows to decipher it and understand it. We conclude that, in the representations elaborated by Elizabeth Agassiz lies an expressive ideological load, marked by ethnocentrism, evolutionism and racism, theories in vogue in the nineteenth century, in addition to observing that women were present in Amazonian society the problem would be the lack of representation related to them.

Keywords: Amazon, Elizabeth Agassiz, Women

¹ Graduanda em História, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins. E-mail: thaisstefhani1@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0297741693400701>

² Doutor em História, Universidade Federal do Pará, Professor de História pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP). E-mail: adferreira@uea.edu.br
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9113189483754566>

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta a utilização da obra “Viagem ao Brasil 1865-1866”, escrito por Louis e Elizabeth Agassiz como recurso para analisar o cotidiano das mulheres amazônicas tanto no meio urbano quanto no meio rural durante o século XIX. O artigo toma como ponto de partida a investigação da História Social das mulheres amazônicas no período oitocentista, essencialmente na Amazônia tendo como objetivo principal analisar indícios históricos, inscritos nos relatos de viagem de Elizabeth Agassiz, na perspectiva de um saber histórico sobre aspectos do cotidiano das mulheres na Amazônia oitocentista.

Vale lembrar que, o século XVIII era marcado por relações coloniais marcadas de rivalidades e uma das variações desses conflitos era o fechamento de fronteiras. Isso implicava a restrição da presença de estrangeiros na Amazônia, a primeira expedição a descer o rio Amazonas foi a de *Le Condamine*, que ocorreu em 1743, que percorreu desde o forte do Pará até Caiena, antes de embarcar para a França em 1744.

No início do século XIX diversas expedições começaram a ser realizadas com destino a Amazônia. Os viajantes chegavam no Brasil como anunciadores de um novo tempo, um tempo em que a sociedade ocidental vivia simultaneamente em dois mundos, um mundo inteiramente moderno e um que não chegava sê-lo. Isso porque a região atravessou a primeira metade do século quase que em completo isolamento. A relativa prosperidade agrícola não chegava à região pela falta da mão de obra e de capital, tudo isso era agravado pela dificuldade de comunicação e transporte, além da escassa população amazônica e sua grande extensão territorial, ou seja, eram poucas pessoas para um grande contingente de terra.

Atualmente, os estudos sobre a mulher tanto em sua vida privada quanto pública tem uma quantidade plausível, porém ao olharmos para trás nos debruçamos com uma grande lacuna em termos de pensamento social principalmente no século XIX e início do XX. O deslocamento do olhar historiográfico para segmentos populares também vêm ganhando cada vez mais espaço. Desde o advento da Escola dos Annales a história procura generalizar e expandir-se aos níveis das camadas populares. Em contrapartida, outras dimensões da existência humana, mesmo que de igual relevância demoraram um pouco mais para atingir a notoriedade desejada. E esse é o caso das questões de gênero, enfim consolidadas nas últimas três décadas do século XX, consistindo, então, em um dos campos com maior dinamicidade dos estudos históricos em todo país. (PINHEIRO, 2019)

Vale lembrar que o conceito de gênero e feminino discutido aqui parte da perspectiva de Joan Scott, que conceitua gênero enquanto uma categoria útil e não apenas à História das Mulheres (pois, "mulher" neste artigo será trabalhado através da categoria de gênero) trazendo luz a história das mulheres e a relação entre homens e mulheres e das mulheres entre si. Além de proporcionar um campo fértil de análise das desigualdades e hierarquias sociais, Scott argumenta que o conceito de gênero foi criado para se opor a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando a eles caráter fundamentalmente social. “O gênero enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminidade”. (SCOTT, p.5, 1990)

Porém, por mais que tenham ganhado notoriedade, quando o assunto são as mulheres através do tempo é possível notar que há árdua e complexa tarefa de rastrear sua presença, principalmente no que tange ao cenário social. As mulheres sempre estiveram presentes na sociedade amazônica, o problema reside no fato da falta de representatividade relacionada a elas.

Eliana Ramos Ferreira (2003), por exemplo, descreve um dos raros artigos sobre as mulheres e sua presença na Cabanagem (1835-1840). Segundo a autora, o movimento

consistiu em uma revolta familiar na qual todos participaram, tendo a mulher diversos papéis desde a retaguarda (produção de alimentos, criando condições para maridos e filhos que pudessem estar na guerra), até a interação na linha de frente de batalha. Esse pode ser adotado como um belo exemplo da presença feminina nas lutas, revoltas e nos acontecimentos pertinentes a História da Amazônia. Mostrando quão importante foi a participação feminina em diferentes cenários e situações.

No livro “Viagem ao Brasil 1865-1866” podemos encontrar ricas passagens da presença feminina, talvez porque este seja um dos poucos relatos que foram escritos por uma mulher. Nele há narrativas sobre a vida cotidiana das mulheres tanto das camadas mais abastadas quanto das mais populares.

A metodologia usará de pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, por meio de livros, artigos e periódicos que abordam sobre a temática da mulher no cenário da Amazônia do século XIX a fim de se obter um panorama sobre o tema pesquisado e destacar quais aspectos são abordados (social, familiar, trabalho). A biografia utilizada abarca o livro Viagem ao Brasil 1865-1866, além de autores como Hideraldo Costa (2013), Patrícia Melo Sampaio (2013), Renan Freitas Pinto (2008), entre outros.

O registro de jornais, periódicos e livros servem como fontes, bases para a investigação histórica. A literatura encontra-se não como um retrato fiel da realidade, mas como uma alegoria do que é ou foi real, tais registros muitas vezes nos servem como pistas, indícios que podem apontar caminhos que conduzam à pesquisa. A validade de seguir pistas como estas é debatida por Carlo Ginzburg através do paradigma indiciário, o qual resgata a figura do caçador que lê as pistas pelo caminho (pegadas, fezes, pelos), ou como o detetive que para reconstituir acontecimentos segue os rastros deixados e vai criando uma narrativa coerente a partir deles. "Quando as causas não são reprodutíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos"(GINZBURG, p. 169, 1992).

ELIZABETH AGASSIZ, UM ESBOÇO BIBLIOGRÁFICO

Em 5 de dezembro de 1822, nascia Elizabeth Cabot Cary, filha de Thomas Graves Cary (1791 – 1859) e Mary Ann Cushing Perkins (1798 – 1880). A família Cary era uma das mais tradicionais de Boston, envolvida no comércio China/Índia sua posição financeira e social era privilegiada, isso fez com que a vida de Elizabeth fosse permeada de reuniões familiares além de receber educação esmerada, sendo a música um dos seus temas favoritos e de lazer. (ANTUNES, 2021). Conhecer suas origens familiares é importante pois é interessante observar como, uma espécie de esboço bibliográfico (Um conceito semelhante foi utilizado por Bourdieu para fazer referência a uma determinada maneira de compreender a existência individual como um caminho linear, onde o passado é tomado como uma preparação para o futuro em uma relação de causa e consequência), sua herança de valores morais se tornou um elemento definidor de seu caráter.

Para Bourdieu (2007) a teoria da biografia enquanto retrospectiva pessoal, quando realizada a partir da perspectiva obra/autor (que se aplica a este caso), só pode ser compreendida através de uma realocação ideológica, na qual o princípio unificador e gerador das “escolhas” da “vocação”, muitas vezes consideradas como “tomadas de consciência”, não são nada mais do que *habitus*, que produzem práticas e, por essa via, carreiras ajustadas a estruturas objetivas.

Tal passo é necessário para que se possa indagar não como tal escritor chegou a ser o que é, mas o que as diferentes categorias de artistas ou escritores de uma determinada época ou sociedade deveriam ser do ponto de vista do *habitus* socialmente constituído para que se lhes tivesse sido possível ocupar as posições que lhes eram oferecidas por um determinado estado do campo intelectual e, ao mesmo tempo, adotar as tomadas de decisão ou posição estética ou ideológica objetivamente vinculadas a estas posições. (BOURDIEU, 2007, p. 190)

Por isso, se faz necessária a constituição desta primeira sessão como ilusão biográfica (A ilusão biográfica, título do artigo de Pierre Bourdieu, publicado em 1986, momento em que as histórias de vida ressurgiam nas Ciências Humanas e Sociais, tornou-se uma expressão emblemática da tensão entre tendências opostas: a que lança um olhar de suspeição sobre o biográfico e a que defende sua legitimidade em pesquisa), para que se possa entender, de maneira mais concisa o princípio unificador que geriu as escolhas da “vocação” de Elizabeth não apenas como alguém que registrava e acompanhava o marido em suas expedições e descrevia, a sua maneira, o que via em suas viagens, como também uma lutadora assídua pela educação superior feminina.

Segundo Antunes (2021) a infância de Elizabeth e parte de sua adolescência são períodos em que há poucos registros históricos. No ano de 1850 (com 28 anos de idade) casou-se com o naturalista Louis Agassiz, tanto na biografia de Louis quanto na biografia de Elizabeth não existem informações que nos mostrem o contexto em que os dois se conheceram ou que revele algo sobre o início do relacionamento entre ambos. É importante destacar que o casamento com Elizabeth deu a Louis um posicionamento na elite intelectual de Boston.

Nascido em Môtier, no cantão de Friburgo, Suíça em 28 de maio de 1807, Jean Louis Agassiz não seguiu o trabalho na loja de seu tio François Mayor, dedicando-se, em vez disso aos estudos acadêmicos, logo começou a se destacar na área da História Natural e não muito tempo depois proferia palestras de cunho criacionista evidenciando sua defesa da teoria criacionista-catastrofista³. (ANTUNES, 2021).

A escolha do tema de suas palestras se adequava perfeitamente ao público que assistiria, pois, historicamente, a colonização de Boston foi marcada por fortes valores

³ A **teoria criacionista-catastrofista** estabelece que a Terra e grande parte de seus componentes foram formados através da sucessão de eventos catastróficos causados por Deus (que geraram o desaparecimento de certas espécies, animais e plantas, e permitiram o aparecimento de outras). Teve seu pico durante os séculos XVII, XVIII e início do XIX.

religiosos. É importante tecer essa informação diretamente com Elizabeth, já que ela pertencia a uma das famílias mais tradicionais da cidade, logo esses valores religiosos estariam fortemente presentes em sua vida fazendo com que partilhasse das mesmas ideias que o marido.

O casamento com Elizabeth não foi o primeiro do naturalista, no ano de 1833 Louis casou-se com Cecile Braun, o casamento rendeu-lhe dois filhos que, mais tarde seriam criados por Elizabeth após a morte da primeira esposa em 1848 enquanto ele estava nos Estados Unidos. Em sua biografia (escrita por ela própria) a primeira confirmação da existência de um relacionamento entre ambos aponta diretamente para o seu casamento com Louis, onde ela afirma:

Este casamento confirmou sua determinação de permanecer, pelo menos por hora, nos Estados Unidos. Conectou-o pelos laços mais estreitos com um grande círculo familiar, do qual ele era, daqui para frente, um amado e honrado membro, e fez dele o cunhado de um dos seus mais íntimos amigos em Cambridge, Professor C. C. Felton. Assim, seguro de favoráveis condições para o cuidado e educação de seus filhos, ele os chamou para este país. (Paton, 1919, p.477). (Tradução nossa)

Quando chegaram ao Estados Unidos, Elizabeth cuidou dos filhos de Agassiz como se fossem seus. Agora, em sua vida de casada ela passa a conviver com um naturalista que fazia de sua casa um museu e gabinete de estudos, em uma das cartas endereçadas a mãe ela destaca que estar casada com um naturalista fazia de sua residência uma verdadeira coleção particular de animais vivos em cativeiro. Enquanto o marido se dedicava aos estudos de História Natural, Elizabeth se mantinha engajada em seus próprios projetos.

A propósito, devo dizer-lhe algo que aconteceu comigo hoje, como solene advertência a qualquer mulher que pense em se tornar esposa de um naturalista. Com pressa esta noite para me preparar para a igreja, corri para o meu armário para pegar minhas botas, e estava apenas colocando minhas mãos sobre elas quando avistei a cauda de uma cobra de bom tamanho, que estava se contorcendo entre os sapatos. Gritei horrorizada para Agassiz, que ainda estava

dormindo profundamente, que havia uma serpente no meu armário de sapatos. "Oh, sim", ele disse sonolento, "eu trouxe vários no meu lenço ontem à noite; provavelmente (bocejando) eles escaparam. Eu me pergunto onde estão os outros." Este conto é verdadeiro. O resto dos monstros agradáveis estavam seguros, e Agassiz teve a audácia de me chamar para admirar sua beleza, quando ele os pegou novamente. (Paton, 1919, p.38). (Tradução nossa)

Como dito antes, Elizabeth foi defensora assídua da educação superior feminina, partiu dela a iniciativa de criar uma escola totalmente voltada para o ensino de mulheres. Após pensar em como organizaria essa ideia a discutiu com seus pais e com os filhos, antes de apresentá-la a Agassiz. O marido prontamente apoiou, concordando em supervisionar as aulas de Geografia e História Natural, dando aulas diárias, seis dias por semana, a escola foi batizada de *Agassiz Scholl* (ANTUNES, 2021). Além de supervisionar, atuando como uma espécie de diretora, ela também acompanhava as aulas ministradas por Louis, aprimorando, dessa forma seus conhecimentos sobre ciências naturais e pouco a pouco, desenvolvendo habilidades que, mais tarde, seriam fundamentais para que ela atuasse não apenas na edição do material publicado pelo próprio Agassiz, como também para que a própria Elizabeth viesse, mais tarde escrever, de forma autônoma, os relatos das viagens por eles realizadas.

Ainda que não possuísse uma educação universitária formal como naturalista, a vida de Elizabeth estava tão intimamente ligada à de Louis Agassiz que sua participação nas atividades do marido eram constantes.

Após o período em que passaram no Brasil, um novo projeto se iniciou na vida do casal, em julho de 1873 foi inaugurada a *The Anderson School of Natural History*, de acordo com Paton, o zelo de Elizabeth em apoiar as iniciativas do marido foi um dos fatores fundamentais para a inauguração da escola na data planejada, pois uma série de atrasos nas obras de construção do prédio principal só foi resolvido por meio da iniciativa dela em conseguir apoio de marceneiros locais.

No entanto, após período bem-sucedido, em 14 de dezembro de 1873, já com a saúde fragilizada Louis Agassiz falece em sua própria residência. A morte do marido acaba abalando de maneira considerável sua vida, como descreve Paton em sua biografia:

Pois com sua morte, a Sra. Agassiz entrou em uma existência essencialmente nova. O fim tinha chegado aos dias de grandes viagens, de interesses científicos instigantes e estimulantes, e de absorção no bem-estar e nas atividades de seu marido. (Paton, 1919, p. 171). (Tradução nossa).

A vida de viagens científicas fora substituída por uma vida doméstica, principalmente após a morte de sua nora, que ocorreu apenas após uma semana da morte de Louis. Agora encarregada de três netos Elizabeth inicia uma reunião de documentos familiares, que logo se transforma em uma redação de uma biografia de interesse público. (Antunes, 2021)

Em sua biografia, Paton dá indícios de como Elizabeth conciliava sua rotina de cuidados com os netos e a redação do livro:

Seus hábitos de levantar cedo e de trabalhar antes do café da manhã lhe davam uma vantagem; de fato, por não precisar dormir muito, ela frequentemente acordava durante a noite para ler ou escrever o quanto se sentisse disposta, e mantinha habitualmente ao lado de sua cama os utensílios para fazer chá, de modo que sempre que acordava ela podia tomar uma xícara de chá antes de prosseguir para seu trabalho, sem levar em conta o tempo. Nessas horas, antes que o resto da casa se agitasse, ela confiava na realização de sua tarefa. (Paton, 1919, p.183). (Tradução nossa)

Ao mesmo tempo que trabalhava na biografia de Louis surgiu a oportunidade de fazer parte de um comitê para organizar a instituição que ficaria conhecida como *Private Collegiate Instruction for Women*, (Instituição Colegiada para Mulheres). Em 1882, o Anexo foi incorporado como a Sociedade para a Instrução Colegiada para Mulheres, e Elizabeth tornou-se a primeira presidente, no ano de 1884 ajudou a garantir uma doação

para presentear Harvard, porém a universidade recusou a oferta. Em 1894, o Radcliffe College foi fundado, por volta da mesma época Elizabeth comprou a propriedade em torno do colégio, que permanece até hoje como centro de administração para o Instituto Radcliffe. Em 2001 o então presidente de Harvard Drew Gilpin Faust (que na época era também o reitor do Instituto Radcliffe) escreveu *Mingling Promiscuity: A History of Women and a Men at Harvard* (Misturando Promiscuidade: Uma História de Mulheres e Homens em Harvard) afirmando que Elizabeth acreditava firmemente que “o Colégio sobre o qual ela presidia era apenas um expediente temporário e que logo as mulheres seriam admitidas como estudantes de pleno direito em Harvard, nem que para isso ela tivesse de esperar por mais de um século”.

Elizabeth Cary Agassiz faleceu em 27 de junho de 1907, em Arlington, Massachusetts na casa de uma das sobrinhas. Ela foi enterrada no cemitério de Mount Auburn, junto ao marido. Até hoje, seu nome é lembrado na Universidade de Harvard como figura fundamental na defesa do ensino superior para mulheres. Seu legado para as ciências naturais, por mais que seja extenso, ainda permanece pouco explorado. O relato da viagem ao Brasil, que ocorreu de 1805 a 1806 é um dos mais ricos em detalhes, não apenas em fauna ou flora, mas também na descrição da sociedade amazônica que, com seu olhar peculiar, Elizabeth consegue, com maestria e sensibilidade, descrever o cotidiano das mulheres amazônicas, suas lutas, dificuldades e particularidades.

Diante da digressão realizada, podemos notar que Elizabeth Agassiz constrói uma determinada identidade e trajetória a partir de uma peculiaridade construída dentro das influências de um *habitus* de classe e campo de poder.

Podemos notar que, assim como aponta Bourdieu, o princípio unificador e gerador de todas as práticas, e em particular, das orientações que chamamos de “escolhas” ou “vocações”, muitas das vezes são tomadas como tomadas de consciência, na verdade não são outra coisa senão o *habitus*, o sistema de disposições inconscientes que constituem

como o produto da interiorização das estruturas objetivas não apenas do indivíduo, mas também do local onde ele se insere, na qual são projetadas carreiras objetivamente ajustadas ao seu meio.

A AMAZÔNIA SOB UM OLHAR FEMININO: A VIAJEM AO BRASIL DOS AGASSIZ

Um dos livros essenciais para conhecermos o Brasil do século XIX, em especial a Amazônia, em particular no que tange a organização familiar, e especialmente as relações de gênero é *Viagem ao Brasil (1865-1866)* de Louis e Elizabeth Agassiz, escrito a partir da expedição realizada pelo casal durante um ano.

A obra, apesar de ser assinada pelos dois, foi uma produção quase que exclusiva dela, sendo produzido a partir dos comentários e anotações do marido e, principalmente da própria experiência de viagem de Elizabeth. Sua principal marca é o ponto de vista claramente feminino, isto é, seu olhar atento ao cotidiano e a realidade das mulheres, e é exatamente esse olhar particular que o diferencia nas percepções das paisagens e dos fatos humanos presenciados em meados do século XIX no Brasil, e de modo particular, na Amazônia que, afinal, constituía-se de um alvo maior dos naturalistas (PINTO, 2008). Pois, a biodiversidade amazônica oferecia aos viajantes inúmeras possibilidades de reunir coleções de História Natural que eram enviados para museus e colecionadores do mundo todo. A comparação de espécies em gabinetes era uma etapa essencial para a descrição e a classificação taxonômica da natureza. Havia também, a possibilidade de mapear rios, ter contato com diversas culturas indígenas e descobrir novas espécies de plantas e animais. Antunes (2021) aponta que expedições científicas funcionavam como uma espécie de etapa profissionalizante.

Vale lembrar que nos relatos da época ainda era rara a presença feminina em produções científicas. Por mais culta que fosse a viajante, o mais comum era que seus textos

fossem enquadrados no gênero do relato pitoresco ou com características de descrições artísticas.

Os relatos de viagem científica eram redigidos, em quase toda a sua totalidade por homens, eles porém, também não parecem separar pitoresco e científico, feminino e masculino. Pelo contrário, esses relatos buscam dar conta da compreensão dos fenômenos culturais, inserindo-os no mesmo sistema das explicações científicas. Já o relato de Elizabeth busca não apenas separar suas observações culturais das explicações científicas, como também parece considerar as primeiras menos sérias do que as segundas. Aqui, o relato do pitoresco, adquire um sentido mais ameno e agradável. (KURY, 2021)

AS MULHERES AMAZÔNICAS NAS CAPITAIS: RELAÇÕES DE RAÇA E GÊNERO NOS CENTROS URBANOS

O calor latente típico dos trópicos envolvia a cidade de Manaus no dia 5 de novembro de 1865 (uma sexta-feira). Os rios Negro e Solimões escorriam faceiramente após breve, porém forte chuva, toda a cidade esperava ansiosamente pelo baile do dia 05.

Nessa noite, nas ruas escuras ao redor do palácio surgiam pessoas apressadas a pé, com lampiões acessos que iluminavam as ruas escuras da sinuosa Manaus. No trajeto até a casa do governador, o anfitrião da festa, Elizabeth tinha o olhar atento sobre as mulheres que aqui e ali, apareciam, de um canto escuro da rua, saindo de um toailete de baile no breu e saltando com cuidado por cima das poças de lama, formadas pela chuva do fim de tarde.

O salão, iluminado por grandes lampiões e cortinas aveludadas dava ao ambiente ares românticos. Em todos os cantos ouviam-se sussurros e diversos tipos de amabilidades preenchiam o local. Foi dentro dessa atmosfera que ela teceu comentários sobre a toailete feminina:

Entretanto, quando todos já haviam chegado, observei que nenhum dos vestidos sofrera severamente com a caminhada. Era grande a variedade de toaletes; sedas e cetins roçavam-se com lãs e musselinas, e os rostos mostravam todas as tonalidades (...). (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.174)

Cerimoniosa e cheia de etiquetas, a sociedade manauara do século XIX perfilava em seus salões distinções e regras nos corpos e comportamentos sobre o feminino. Esses modos eram seguidos pois, os estilos de vida da elite dominante eram marcados por influências do imaginário da aristocracia portuguesa. A chamada família patriarcal brasileira era comandada pelo pai, detentor de enorme poder sobre seus dependentes (D’Incao, 2013).

Nesse contexto, a mulher submetia-se a avaliação e a opinião dos outros sendo educada de forma bastante rígida não podendo, muitas das vezes, nem sair de casa ou receber os visitantes, ficando meses e meses sem sair de sua residência.

...Nas províncias do norte, principalmente, as velhas tradições portuguesas sobre a clausura das mulheres prevalecem. Seus dias decorrem tão descoloridos como os das freiras de um convento e sem elemento entusiasta e religioso que sustenta estas últimas. Muitas senhoras brasileiras passam meses e meses sem sair de suas quatro paredes, sem se mostrar, senão raramente à porta ou à janela (...). (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.167)

Os códigos de conduta se tornaram uma espécie de legislação não escrita. Segui-lo era muito mais do que ter etiqueta, era sinal de prestígio social, para ser uma mulher respeitável dentro da sociedade manauara era necessário uma série de comportamentos que iam desde o círculo social mais amplo até o mais íntimo. Sob esse aspecto a intimidade se torna cada vez menor, o espaço particular é reduzido em prol de uma construção maior desta teia chamada sociedade. Elizabeth observava que esse costume descoloria a vida e o entusiasmo feminino comparando a vida dessas mulheres a de freiras em um convento enclausuradas e fadadas as mesmas tarefas todos os dias, com uma vida social praticamente que excluía.

Segundo D’Incano (2013) a proposta era ser civilizado como os europeus. As mulheres de classe mais abastada eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e esposa, as chamadas “prezadas domésticas”. Aí eram incluídas tarefas como: orientar os filhos, fazer

ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar. Sua existência limitava-se as quatro paredes de sua casa, por isso, muitas das vezes missas, bailes, jantares e até velórios tornavam-se os raros ambientes de socialização para elas.

Mesmo que elas possam usar esses ambientes como espaços para fugir das quatro paredes ainda é necessário cautela com as normas de conduta. Segundo as observações de Elizabeth (1975, p.174) “na sociedade brasileira reina geralmente certo constrangimento (...), mesmo nas grandes cidades; com mais forte razão nas pequenas...”. Para que se evite qualquer erro é necessário forte rigor nas convenções sociais. Sendo os brasileiros bastante hospitaleiros, porém muito formalistas e cheios de etiquetas e cerimônias.

Desse modo, são construídos diversos tipos de procedimentos e cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase que integralmente mãe dedicada e esposa atenciosa. Para Elizabeth esses códigos levam as mulheres da elite a uma “existência inteiramente vazia e sem objetivo” (1975, p.167), tendo apenas duas opções, ou ela se irrita com suas cadeias e infelicidades ou aprende a viver no pequeno espaço reservado a ela, espaço esse que lhe eram impostas regras altamente rígidas.

Agora, atento-me a discorrer um pouco mais sobre as relações entre raças presentes na sociedade amazônica. Muitas são passagens interessantes sobre essa relação, principalmente na cidade de Manaus, registrada pela autora. Antes de tudo, é necessário lembrar que a visão tecida por ela possuía bases estritamente racistas, e isso se dava, principalmente, pelo contato direto dela com a teoria criacionista do marido e com a condição social que ocupava em Boston. Além disso, as muitas preocupações sobre a mistura de raças apresentada por Elizabeth ocorre sempre de forma comparativa aos de sua terra natal, ou seja, ela avalia a mistura de raças do país em comparação aos Estados Unidos (que vivia fase semelhante).

No dia 10 de dezembro de 1865, o casal se preparava para subir o Rio Negro e terminar a estadia na cidade de Manaus, Elizabeth faz a seguinte avaliação, ainda parcial, da expedição.

As seis semanas que acabamos de passar foram muito proveitosas do ponto de vista científico. Não só Agassiz aumentou seus conhecimentos sobre os peixes, como teve ocasião de acumular uma soma de fatos novos e interessantes sobre as numerosas variedades produzida pelo cruzamento de índios, pretos e brancos, e pode juntar às suas notas uma série de fotografias. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.182)

Assim, percebemos que a Amazônia foi palco de coletas não apenas para a zoologia criacionista do casal, ela também serviu como uma espécie de exemplo a ser evitado na América do Norte. O relato de viagem está repleto de observações sobre a mestiçagem brasileira e inclui gravuras que ilustram os “tipos” brasileiros, principalmente na cidade de Manaus. Há uma passagem, em que Elizabeth compara as “misturas” das raças humanas presentes na Amazônia “tanto quanto a mula participa dos do cavalo e da jumenta” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.183). Segundo ela, essas misturas acabam por eliminar os “traços primitivos”, que podem levar ao resultado de

...uma classe de pessoas em que o tipo puro desapareceu, e com eles todas as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar bastardos tão repulsivos quanto os cães amastinados, que causam horror aos animais de sua própria espécie, entre os quais não se descobre um único que haja conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de pura raça... (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.184)

A ideia de que a mistura de raças levaria o declínio dos tipos humanos presentes na Amazônia era proveniente das ideias poligenistas que classificava as raças não apenas pelo fenótipo, mas também atribuía características psicológicas a cada “tipo”. No que diz

respeito as mulheres, Elizabeth classificava as negras como hiper sexuadas, produto de lascividade primitiva, enquanto as indígenas eram retratadas como apáticas, de estrutura baixa e mirrada. A prova para esta afirmativa constava nos divertimentos das danças, quando as indígenas deixavam-se levar pelos parceiros sem demonstrar alegria ou tristeza, ao contrário do que ocorria nas danças dos negros, “nessa é a dama que provoca o seu par, e seus gestos não são sempre de perfeita modéstia.” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.163)

Falas como essa apresentam o cunho racista na qual a ciência se apoiava na época, a ideia de que brancos eram superiores em qualidade e conduta estava enraizada em muitos discursos científicos. Devemos lembrar que havia muitos debates sobre a evolução humana e que ocupavam espaço significativo nas academias, intelectuais se dividiam em criacionistas e evolucionistas. O casal Agassiz, por pertencer a esse círculo social, também tomava partido desse debate, em que ambos defendiam que a humanidade – fruto da criação divina – era formada por diversos “tipos” humanos independentes e que jamais poderiam misturar-se entre si. Para Agassiz a cadeia dos seres vivos seguia uma linha hierárquica de ordem complexa e crescente onde os seres supostamente menos evoluídos estariam condenados a inferioridade eterna.

O casal apoiava-se na teoria da degeneração, matriz do racismo científico, que via na miscigenação o principal fator da degeneração da raça humana.

Uma das maiores preocupações de Agassiz com relação as raças que considerava inferiores era a possibilidade de mestiçagem (KURY, 2001). Durante sua estadia na Amazônia pode observar que os diversos cruzamentos raciais se davam de maneira única e que

Em nenhuma outra parte do mundo se poderia estudar tão completamente como no Amazonas a mistura de tipos, pois aí os mamelucos, os cafuzos, os mulatos, os caboclos, os negros e os brancos produziram, por suas alianças, uma confusão que à primeira vista parece impossível destrinchar. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p. 182)

Essas observações eram facilitadas, segundo o casal, pelo fato de grande parte do que chama de “população inculta” andar seminua. Ambos ficam bastante impressionados com as possibilidades existentes para futuros estudos raciais na Amazônia. Além disso, a autora também parece ficar chocada com a aceitação da sociedade a pessoas de todas as cores. Ainda durante a estadia em Manaus, na noite do baile do dia 5 de novembro ela observa que “Não há aqui, com efeito, o menor preconceito de raça. Uma mulher preta – admitindo-se, já se vê, que seja livre – é tratada com tanta consideração quanto uma branca.” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.174). Este tratamento pode ser explicado pelo fato de a sociedade amazônica sobreviver, majoritariamente, do uso do trabalho compulsório indígena. Segundo Sampaio (2014), este era um dos fatores que contribuía para o obscurecimento do papel do escravo negro na cidade de Manaus e seus arredores. Havia os negros de ganho, das vendedeiras, daqueles que possuíam ofícios especializados, dos serviçais domésticos etc.

Nessa suposta igualdade racial, observada por Elizabeth seria prejudicial que se misturassem as raças de maneira que era “impossível destrinchar” mestiços e “raças puras”, pois iria-se produzir raças “fracas” e “depauperadas”, compostas por seres vagos, sem caráter nem expressão, a presença do indígena é situada no limbo da nação, entre o imaginário romântico e a nulidade, lugar onde permanecerá durante muito tempo.

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PEQUENAS VILAS

Numa manhã de sol, em meio as árvores, uma família anônima começa o dia. O marido e a mulher preparam-se para o longo dia, ele se arruma para caçar ou pescar e logo sai, enquanto ela prepara a comida para os curumins (meninos) e as cunhantãs (meninas). Ao ouvir o barulho da mãe, as crianças acordam e todos fazem os desjejum de sempre, tapioca, pé de moleque, beiju e pupunha cozida.

Sem dúvida, essa foi uma descrição simplificada sobre o cotidiano das famílias que viviam no interior da Amazônia que os viajantes estrangeiros propagaram em seus relatos de viagem. Nesse cotidiano é que são desenvolvidas as relações de trabalho, tempo, proximidade com a natureza, atividades extrativas e ainda a tradição agrícola mesclada com a herança indígena milenar, muito diferente da que se apresenta no mundo capitalista. (COSTA, 2013)

Santos (2005) aponta que a mulher, como se pode perceber nos diversos trechos do relato de viagem, ainda é um elemento submisso da sociedade amazônica, embora essa submissão possua nuances diferenciadas. A autonomia torna-se mais visível quando nos deparamos com atenuações nas restrições sociais.

Em uma época que o controle dos corpos e da intimidade era tida como regra, na Amazônia as indígenas aparecem no relato dos Agassiz como portadoras de um grau diferenciado de autonomia, trabalhando na roça sozinhas durante o dia, deslocando-se de canoa pelos igarapés, ou até mesmo trabalhando sem a supervisão dos homens, autonomia essa que não estava presente no cotidiano das mulheres brancas da cidade.

Um bom exemplo dessas nuances é o caso das mães solteiras, que tinham filhos da fortuna, como falado pela autora. Enquanto nas cidades ter um filho sem pai poderia representar escândalo e arruinar a reputação de famílias inteiras, na zona rural esse era um cenário mais “comum”, principalmente entre os indígenas. É com espanto que Elizabeth se depara com tal situação e constata que o quadro revela a “ausência de moral”, enfatizando que esta é uma característica das mestiças, “é comum nas mulheres índias de sangue mestiço falarem a cada instante de seus filhos sem pai” (p.185).

O que devemos ter em mente é que o que baliza as observações da autora é o sentido de moral presente no ocidente. Santos (2005) aponta que em vários trechos, o seu relato é apresentado como condição sem a qual não poderia ter o êxito do projeto civilizatório presente nos trópicos.

Até a chegada dos missionários cristãos a sexualidade entre os indígenas fluía de forma natural, como ocorrência da sua fisiologia, ou seja, nada impedia a mulher de praticá-la. O controle de corpos vem com o casamento quando a mulher passa a ser de domínio do marido. Isso explica o comportamento diferenciado da mulher amazônica em relação as mulheres do Sul, Sudeste e até mesmo na própria Manaus no tocante a maternidade, matrimônio e sexualidade. Por isso elas demonstram mais autonomia individual, com suas próprias regras de comportamento.

A mulher amazônica também mostra resiliência e força, muitas das vezes ela aparece como principal engrenagem para que tudo funcione da melhor maneira possível. Um exemplo disso ocorre durante a estadia de Elizabeth na choça da Esperança, onde ela conhece o casal de indígenas Laudigari e Esperança.

O homem, como todos os índios das margens do rio Amazonas, é pescador e, com exceção dos cuidados pelo seu pequeno domínio tem como exclusiva ocupação a pesca. Nunca se vê um índio trabalhar nos cuidados internos da casa; não carrega água, nem lenha, nem pega mesmo nas coisas mais pesadas. Ora, como a pesca só se dá em determinadas estações, ele folga a maior parte do tempo. As mulheres, ao contrário, são muito laboriosas (...). Ela rala mandioca, seca a farinha, comprime o tabaco, cozinha, varre os quartos. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.120)

Elizabeth observa que o homem se preocupa apenas com a pesca que se dá apenas em determinadas estações. Nunca se vê um homem responsável pela casa ou pelo cuidado com os filhos. Pelo contrário, de acordo com a viajante, isso é tarefa exclusiva das mulheres, que tem dias mais laboriosos. Esperança é tomada como exemplo, pois sempre está atarefada com os afazeres domésticos que incluem desde a limpeza da casa até ralar mandioca e pegar água. Dentro desse cenário, a autora demonstra revolta com determinadas situações passadas pelas mulheres, outro exemplo dado por ela é o casal Manuel e Miquelina, segundo Elizabeth

... o marido é um folgazão de porte elegante, cuja ocupação principal é tomar atitudes pitorescas contemplando a mulher, aliás bem bonita, que vai e vem pela casa, muito atarefada em ralar mandioca, exprimer-lhe o suco e lizoeneira-la, sem abandonar, todavia, um instante sequer o filhinho, enganchando em seus quadris... (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.121)

O marido, descrito como *folgazão* deixa toda a responsabilidade com a esposa, ou seja, manutenção da casa, preparo de comida, água e filhos são todos os afazeres pertencentes ao universo feminino. Enquanto o universo masculino se ocupada apenas com a pesca ou a caça.

O vigor apresentado pelas indígenas chega a ser visto de forma espantosa.

Fiquei admirada do vigor com que D. Maria, a sogra do nosso hospedeiro, abria seu caminho nessa vegetação emaranhada, ajudava a desimpedir a passagem e abatia os galhos com seu facão. Nessa terra tão quente, seria de supor que as mulheres fossem indolentes e moles, e assim bem o é nas cidades onde têm hábitos de indolência desconhecidas das mulheres de nossos países; no Alto Amazonas, porém, as que são criadas no campo, no meio dos índios, são muitas vezes muito enérgicas, põe as mãos ao remo e à rede tão valentemente como o próprio homem. (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.147)

A ideia se liga ao casal, na medida em que os Agassiz acreditavam que todos os seres organizados foram criados para pertencer a uma determinada pátria, ou seja, existia ligação entre os seres e os lugares que eles habitavam. Para Elizabeth, o clima quente dos trópicos deixaria os habitantes preguiçosos e indolentes e para sua surpresa, ao se deparar, principalmente com as mulheres, a autora repara hábitos e atitudes que não convinham com as teorias tão difundidas nos Estados Unidos.

Cabia também a mulher o papel religioso, mesmo com os homens ocupando as posições mais altas nos cargos de clérigos eram as mulheres que mantinham os costumes religiosos. A mãe de Esperança, por exemplo, é descrita como uma velha muito feia que

tinha o costume de rezar todos os dias em frente a um cofre que mais tarde Elizabeth descobriu se tratar de um pequeno altar.

O costume religioso foi visto como uma forma de ingenuidade. Aqui podemos notar a diferença que se fazia na época, Elizabeth via o cofre e os objetos que havia nele como “toscos”, porém, “a ingênua índia (...) tomava-os nas mãos um de cada vez, com respeito” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.122), fazendo com que tal cena pitoresca se tornasse, no fim, comovente aos olhos da viajante.

ALEXANDRINA: A “AJUDANTE DE NATURALISTA”

Agora, atento-me a tecer (ao pelo menos a tentar) sobre um personagem um tanto quanto curioso que aparece no relato de viagem dos Agassiz. Ainda na “choça de esperança”, em Tefé o casal contrata a seu serviço uma mulher chamada Alexandrina, cujo tanto traços físicos quanto agilidade chama atenção de ambos.

Alexandrina é descrita por Elizabeth como uma “preciosa aquisição” não somente do ponto de vista doméstico, mas também do científico. Pois a moça aprendera a limpar e preparar os esqueletos de peixes, tornando-se indispensável ao trabalho do improvisado laboratório da expedição. Como conhecia bem todos os caminhos da mata e acompanhava Elizabeth nas coletas herboristas.

A primeira menção dela porém, não foi de sua eficiência como conhecedora dos arredores e das espécies de plantas, e sim de sua aparência física, isso levou os membros da expedição a registrar sua imagem. O maior motivo do registro de sua figura foi a disposição extraordinária de seus cabelos. A aparência física da moça foi suficiente para fundamentar seus juízos de valor sobre a mistura de sangue indígena e negro.

Além das menções de Elizabeth, também há pequenos indícios sobre um possível registro da moça. Um anúncio publicado no jornal Estrella do Amazonas no dia 16 de abril de 1856, da página 4 continha um aviso sobre dois escravos fugidos de Belém, que

pertenciam ao comerciante Pereira Carneiro. O anúncio assegurava que os escravos haviam fugido para o Rio Negro e estavam subindo o Amazonas, o casal era João Mulato e Alexandrina. O nome familiar presente no anúncio pode ser o da mesma Alexandrina, que, nove anos depois foi contratada em Tefé (subindo o rio) pelo casal de naturalistas?

Se recorrermos ao método indiciário podemos presumir, através do relato da naturalista e do jornal Estrela da manhã, que a Alexandrina retratada pelos Agassiz tem altíssimas chances de ser a mesma do anúncio, pois era normal que os negros fugidos se embrenhassem na floresta para fugir das condições violentas a que eram submetidos pelo trabalho escravo.

O fato dela saber tão bem os caminhos da mata e de seus arredores, além das espécies de plantas podem ser indícios dos anos de fuga pelo qual Alexandrina e seu parceiro passaram. Segundo a própria Elizabeth “Ela distingue imediatamente as menores plantas em flor ou em fruto” (AGASSIZ, AGASSIZ, 1975, p.149). Mesmo que os indícios sejam poucos, não seria impossível presumir que a Alexandrina do anúncio da Estrela da Manhã fosse a mesma retratada pelo casal Agassiz nove anos depois.

Pelo sim, pelo não (talvez nunca saibamos ao certo), tudo aponta que o trabalho realizado por Alexandrina foi de preciosa ajuda ao casal. Sampaio (2015) salienta que ela pode ter sido a primeira imagem de uma mulher cafuza que temos, se formos recorrer a classificação de cor/raça do século XIX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região Amazônica, desde a chegada dos portugueses recebeu ao longo dos séculos a visita de uma série de figuras. Foram viajantes, naturalistas, exploradores, missionários e militares que deixaram uma herança rica e variada produção de cartas, romances e relatórios de viagem que influenciaram a construção de algumas representações que até hoje se mantém vivas no imaginário popular. Cenários, ideias, pessoas, costumes e crenças foram

algumas das bagagens trazidas e levadas pelos viajantes, nesse contexto é importante observarmos o papel feminino no seio familiar e social para que possamos entender melhor o contexto da sociedade amazônica.

Como visto, as mulheres e sua relação social no século XIX, estiveram presentes na história, porém, há uma lacuna sobre as suas trajetórias na Historiografia. Somente, a partir do final do século XX, historiadoras e historiadores elegeram as mulheres como objeto de interesses de suas investigações históricas. A utilização de uma metodologia inovadora nos fez constatar que a ausência ou omissão de informações inscritas nas fontes históricas deixadas no tempo, pode ser um bom indicativo: o silêncio quase sempre é polifônico. É isso que torna pesquisas científicas importantes: interrogar o sentido do silêncio que paira na historicidade de determinado assunto.

Ao nos debruçarmos sobre os escritos e a vida de Elizabeth Agassiz podemos vislumbrar um cenário há muito esquecido. Nos são revelados personagens, enredos e paisagens de forma simples e leve. Sua própria trajetória, mesmo que fosse de uma dama da mais alta sociedade norte-americana nos mostra um pouco da dificuldade enfrentada pelas mulheres na comunidade científica. Sua luta pelo reconhecimento e espaço das mulheres no ensino superior, além da dedicação de produção de material científico (os relatos de viagem e mais tarde uma biografia tanto do marido quando dela, elaborada por ela mesma), nos faz pensar sobre o papel da mulher na produção científica do século XIX.

Ao analisarmos a trajetória de Elizabeth, dificilmente podemos considerar que sua aproximação com a prática científica se deu apenas ao acaso, ou por intermédio de seu marido. Ainda que apareçam diversas lacunas em sua biografia, podemos observar por meio do relato de viagem produzido por ela que Elizabeth possuía um olhar aguçado para questões sociais, culturais e até políticas. Embora a amizade com o imperador tivesse freado qualquer atitude para criticá-lo, observamos que a autora apresenta a diferença com que os indígenas (principalmente as mulheres) eram tratados. De forma semelhante, ainda que ela

não estivesse diretamente ligada a movimentos feministas ou sufragistas, observamos ao longo de toda a sua trajetória como esteve sempre atenta às condições e aos papéis sociais destinados as mulheres.

Nos capítulos finais de *Viagem ao Brasil*, ela faz questão de criticar o modelo de aprendizagem voltado as mulheres, mostrando, mesmo que de forma singela, sua revolta, ela destacou:

Efetivamente, nunca conversei com as senhoras brasileiras com quem mais de perto privei no Brasil sem delas nada a receber as mais tristes confidências acerca de sua existência estreita e confinada. Não há uma só mulher brasileira, que, tendo refletido um pouco sobre o assunto, não se saiba condenada a uma vida de repressões e constrangimento. Não podem transpor a porta de sua casa, senão em determinadas condições, sem provocar escândalo. A educação que lhes dão, limitada a um conhecimento sofrível de francês e música, deixa-as na ignorância de uma multidão de questões gerais; o mundo dos livros lhes está fechado, pois é reduzido o número de obras portuguesas que lhes permitem ler (...). Pouca coisa sabem da história de seu próprio país... (AGASSIZ, 1975, p.278)

Naturalmente, como corre com todos os viajantes, as observações de nossa autora são resultado de uma negociação entre o próprio contexto no qual estava inserida e as condições que achou aqui no Brasil. Talvez, por esse motivo, seu olhar para a situação das mulheres no país mereça ser destacado.

Vemos assim, que mesmo que não participasse dos movimentos feministas que começavam a aparecer nos Estados Unidos e em outras partes do mundo, Elizabeth compartilhava do mesmo sentimento, de que as mulheres mereciam maior espaço e liberdade para participar da vida social e cultural, não devendo permanecer excluídas somente aos ambientes privados da vida doméstica.

Mesmo que sua trajetória não apresente um padrão possível para todas as mulheres do século XIX, a análise de parte da trajetória de Elizabeth Agassiz nos apresenta os

desafios comuns a muitas mulheres, desafios que permanecem até os dias atuais. O que podemos perceber é que, mesmo quando deixamos de lado Elizabeth e seu círculo social e nos concentramos em outras mulheres presentes em sua narrativa podemos perceber que os mesmos desafios se faziam presentes em suas vidas, mesmo que possuíssem nuances diferenciadas.

Referências Bibliográficas

AGASSIZ, Luiz e Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil – 1865-1866*. Trad. de João Etienne Filho. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1975.

ANTUNES, Anderson Pereira. *A mulher viajante no Oitocentos: Elizabeth Agassiz e a Expedição Thayer (1865-1866)*. 2021. 72f. Monografia (Licenciatura em História) – UNIRIO História, Rio de Janeiro, 2021.

BOURDIEU, Pierre. Campo do Poder, Campo Intelectual a Habitus de Classe. *In: BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.183-202.

COSTA, Hideraldo. *Cultura, Trabalho e Luta Social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19*. Manaus: Valer e FAPEAM, 2013.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. *IN: PRIORE, Mary Del. et al. História das Mulheres do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA, Eliana Ramos. As Mulheres na Cabanagem: Presença Feminina no Pará Insurreto. *Anpuh – XXII Simpósio Nacional De História – João Pessoa*, 2003. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.22/ANPUH.S22.198.pdf>.> Acesso em: 01 de maio de 2021.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais, morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

HARVARD RADCLIFFE INSTITUTE. Elizabeth Cary Agassiz. Disponível em: <<https://www.radcliffe.harvard.edu/people/elizabeth-cary-agassiz>>. Acesso em: 29. dez. 2022.

KURY, Lorelai B. *A sereia amazônica dos Agassiz: zoologia e racismo no Brasil*. São Paulo, v. 21, n° 41, p. 157-172. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/gLSbT884tq5WjQsYrmTBszP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

PATON, Lucy Alen. *Elizabeth Cary Agassiz: a biography*, with illustrations. Boston and New York: Houghton Mifflin Company, 1919. Disponível em: <<https://archive.org/details/cu31924024733143/page/n9/mode/2up?view=theater>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte: Vivências Lusitanas na Cidade da Borracha: Manaus, 1893-1923. In: SARGES, Maria de Nazaré; FIGUEIREDO, Aldrin Moura de; AMORIM, Maria Adelina (org.). *O imenso Portugal estudos luso-amazônicos*. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019 p. 225–248. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/35761>>. Acesso em: 01 de maio de 2021.

SANTOS, F. V. dos: "*Brincos de ouro, saias de chita*": mulher e civilização na Amazônia segundo Elizabeth Agassiz em Viagem ao Brasil (1865-1866). História, Ciências, Saúde — Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan.-abr. 2005. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi8idnkrtp5AhXdBLkGHcthDuEQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.redalyc.org%2Fpdf%2F3861%2F386137979002.pdf&usg=AOvVaw3u4D64wWILgGYbILnQ5Hsl>>. Acesso em: 02. Ago. 2022.

SCOTT, Joan W. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, vol. 16, nº2, Porto Alegre, 1990.